



CARTA À MINHA BISAVÓ

Guilherme Sionilio¹.

Goiânia, dezembro de 2025

Bisavó Patrícia, bença?

Dedico esta carta à Senhora. Se hoje a minha história continua, no futuro este é o meu melhor presente. Tem lembrança que nem é da gente, assim como ensinamento e tradição, mas se torna. Eu vejo que é assim que a ancestralidade caminha. Quando nasce o novo, o velho termina. Pois, na verdade, um é todos.

Eu queria ter conhecido a Senhora, mas quando a Senhora se encantou, eu nem era nascido. Sempre a ouvi pela boca de outros, meus mais velhos, mas que da Senhora são mais novos. Quando ouvi o nome da Senhora sair da minha boca pela primeira vez, senti a força que ele tem. Não é à toa que todo mundo, quando precisava de alguma coisa, chamava pela Senhora. Mas eu não vim incomodar. Eu vim, na verdade, contar.

Nessas últimas luas, eu caminhei por um componente curricular. É assim que eles chamam as aulas aqui, mas lá parecia mais um encontro, um lugar onde a ancestralidade de cada estudante era acolhida. A gente dançava, cantava, aprendia com o corpo, porque tradição é movimento. E a Senhora sabe disso melhor do que eu.

¹ Guilherme Sionilio é descendente quilombola e estudante de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atua como professor, ator, compositor e produtor cultural, desenvolve trabalhos atravessados pela ancestralidade e pela experiência em contextos educativos e comunitários.



Quando as mestras e mestres vieram, com seus cantos de moçambique, congada, seus tambores e passos marcados pelo chão, senti que o tempo da Senhora estava ali de novo, vivo, rodando no corpo dos outros.

Também ouvimos histórias de reis, de rainhas, de pretos velhos, de povos que atravessaram dor e festa ao mesmo tempo. Enquanto eu escutava, pensava na Senhora. Pensava na força que a Senhora tinha quando rezava, benzia, cuidava dos nossos. E entendi que aquilo também era ofício, também era arte, também era saber tradicional, mesmo que a Senhora nunca tenha pisado numa sala de aula. Isso só me faz admirar ainda mais a Senhora.

Observando alguns colegas, percebi como cada pessoa carrega um mundo inteiro dentro de si e que o nosso corpo é arquivo. Foi aí que percebi que o meu corpo também guarda a Senhora, mesmo sem eu ter visto o seu rosto.

Demorei, mas quis escrever para dizer que, ao longo dessas semanas, compreendi que a Senhora nunca se foi de verdade. Só mudou de forma. Agora vive nas palavras, nos gestos, nas rezas, nos cantos, nos conhecimentos repassados e nos modos de cuidar. E eu sei que, sempre que eu estiver preparando algum remédio, a Senhora estará lá para me auxiliar.

Em memória à caminhada da Senhora, com respeito e amor,
Seu bisneto, Guilherme Sionilio.